

A VIGÍLIA
DAS
SOMBRAS

NOMES QUE ATRAVESSAM A NOITE

19 encontros com o oculto



Sumário

Antes de atravessar	03
Lilith	04
Hécate	06
São Cipriano	08
Exu	10
Maria Padilha	12
Hel	14
Ereshkigal	16
Morrígan	18
Freyja	20
Medeia	22
Marie Laveau	24
A mulher de En-Dor	26
Bloody Mary	28
Elizabeth Báthory	30
Pan	32
Leviatã	34
Lúcifer	36
Azazel	38
Santo Graal	40
Fontes e leituras	42
A Vigília das Sombras	45



Antes de atravessar

Alguns nomes eram escritos para impedir uma entrada. Outros eram pronunciados para que uma presença se aproximasse. Entre o amuleto e a invocação, existe uma pergunta que atravessa estas páginas: o que acontece quando o chamado é ouvido?

Hécate emerge das profundezas. Cipriano vê seus poderes falharem diante de uma mulher. Exu guarda a passagem; Maria Padilha é chamada com sua companhia. Mais adiante, uma rainha dos mortos estabelece um preço, um espelho espera por um nome e um prisioneiro permanece nas trevas enquanto seus segredos continuam circulando.

Estas histórias se aproximam de mitos, tradições religiosas, conjuros e memórias que conservaram o poder de inquietar. Cada encontro começa onde alguma coisa deixa de obedecer à ordem conhecida. Uma porta pode admitir um visitante e não permitir sua saída. Uma resposta pode ser mais terrível do que a dúvida que a provocou.

Há dezenove encontros neste percurso. Ao final, um objeto guarda o mistério de uma pergunta que não foi feita a tempo.

Entre. Mas preste atenção aos nomes que chamam você de volta.





Lilith

Ela sabia o nome que abria a saída



Ela sabia o nome que abria a saída

Lilith nas tradições judaicas

Lilith não esperou que lhe abrissem a porta. No Alfabeto de Ben Sira, quando a disputa com Adão chega ao limite, ela pronuncia o Nome divino e abandona o jardim. O homem que exigia sua submissão fica para trás. Três anjos são enviados para trazê-la de volta. Encontram-na, mas não conseguem obter aquilo que vieram buscar: sua obediência.

A recusa tem um preço terrível. O encontro termina numa disputa sobre morte, descendência e poder. É nessa tradição que aparecem Senoy, Sansenoy e Semangelof, os três nomes que seriam inscritos em amuletos. Lilith promete não atingir a criança protegida pelos nomes ou pelas figuras desses mensageiros. A proteção depende de ela reconhecer o sinal e respeitar o compromisso.

Séculos depois, o mesmo temor ainda era gravado em metal. Uma matriz de amuleto de 1832 preserva outro encontro: o profeta Elias surpreende Lilith e seu grupo a caminho de uma casa. Ali há uma mulher prestes a dar à luz. A visitante declara sua intenção contra a mãe e a criança; Elias a confronta e obtém uma restrição ao ataque.

Lilith conhece, portanto, os dois lados de uma palavra de poder. Um nome lhe permite partir. Outros nomes podem deter sua aproximação. Entre a fuga do jardim e a entrada numa casa, sua história se escreve em limites que ela tenta atravessar.

O amuleto fica junto de quem dorme. Não acompanha a visitante, não ilumina a rua, não mostra a distância entre ela e a porta. Guarda apenas aquilo que deverá ser reconhecido se Lilith chegar.

E ninguém dentro da casa precisa estar acordado para que esse encontro aconteça.

Conheça nossas redes





Hécate

Ela ouviu. E veio das profundezas.



Ela ouviu. E veio das profundezas.

A aparição nas Argonáuticas

Jasão recebe uma ordem difícil de cumprir: depois de chamar Hécate, deve partir sem olhar para trás. Nem passos, nem cães, nem o que quer que escute poderão fazê-lo se voltar. Medeia conhece a deusa que ele está prestes a invocar. Sabe também que conseguir sua atenção exige mais do que coragem.

Nas Argonáuticas, o herói realiza a oferenda noturna e chama Hécate Brimo em busca de auxílio para a prova que o espera. A resposta vem das profundezas. A deusa o escuta e se aproxima do sacrifício. Serpentes se enroscam nos ramos de carvalho que a cercam; inúmeras tochas brilham; cães infernais fazem a noite estremecer.

O chão treme sob seus passos. Até as ninfas do rio e do pântano gritam. Jasão sente medo, mas continua andando. Não se volta. A presença que convocou está atrás dele, e obedecer à instrução de Medeia é tudo o que o separa de encará-la.

Essa é Hécate em sua chegada mais inquietante: a senhora capaz de ouvir um pedido humano de um lugar ao qual o suplicante não tem acesso. Seu poder alcança os caminhos, os limiares e o mundo dos mortos. A mesma deusa que pode acompanhar uma travessia pode tornar aterradora a passagem entre dois lugares.

Na invocação órfica, ela é chamada como portadora das chaves do mundo. O pedido procura sua disposição favorável: que compareça, acolha a homenagem e conceda êxito. Chamar por ela implica admitir que há portas cuja abertura não depende da mão humana.

Jasão consegue ir embora. O poema preserva o que aconteceu às suas costas. Ele, porém, atravessa a noite sem conferir até onde Hécate o acompanhou.

Conheça nossas redes





São Cipriano

Venceu tantos. Não conseguiu dobrar uma mulher.



Venceu tantos. Não conseguiu dobrar uma mulher.

O feiticeiro de Antioquia e Justina

Cipriano mandava chamar aquilo de que outros tentavam fugir. A tradição cristã o apresenta como um mestre das artes ocultas: conhecia a necromancia, convocava espíritos e alterava aparências. A Legenda Áurea lhe atribui encantamentos pelos quais pessoas pareciam transformadas em animais. Sua fama atraía quem desejava interferir na vida e na vontade de alguém. Conhecimento, riqueza e temor se acumulavam ao redor de seu nome.

Então surgiu Justina. Uma mulher que não aceitou o desejo que pretendiam impor a ela. Cipriano recorreu ao poder que tantas vezes lhe servira. Enviou um espírito. O emissário voltou vencido. Mandou outro, mais forte. Também fracassou. Por fim, chamou o príncipe dos demônios.

Justina foi cercada por tentações, disfarces e ameaças. O adversário chegou a assumir a aparência de uma companheira para ganhar sua confiança. Ela percebeu o engano e fez o sinal da cruz. A forma diante dela se desfez. Quando o próprio Cipriano tentou se aproximar sob outra aparência, o encantamento perdeu a força à sua porta.

A derrota mais cruel veio em forma de triunfo. Um espírito apareceu disfarçado de Justina, como se finalmente a tivesse trazido. Cipriano a recebeu pelo nome. Bastou pronunciá-lo para que a figura desaparecesse como fumaça. Nem a imitação da mulher conseguia permanecer diante dele.

A tradição conta sua conversão. Seu nome, porém, continuou ligado aos livros de magia e à Grande Oração destinada a desfazer feitiços. Uma oração popular o invoca assim: “São Cipriano, que conhecestes todos os trabalhos das trevas e sabeis como desfazer cada um deles”. O antigo senhor dos encantamentos passou a ser procurado também para rompê-los.

Depois de tantos espíritos chamados, Cipriano precisou encarar uma vontade que não podia comandar. Justina não se submeteu. E a ruína de sua certeza começou diante de uma mulher que continuava dizendo não.

Conheça nossas redes





Exu

Quem abre também pode fechar



Quem abre também pode fechar

Caminhos, invocação e poder nas tradições afro-brasileiras

Antes que o pedido siga adiante, há alguém a reconhecer. Nas tradições iorubás, Exu ocupa a passagem entre o desejo pronunciado e o destino que ele poderá alcançar. Leva mensagens, participa das trocas e põe as relações em movimento. Esquecê-lo no começo de uma cerimônia significa ignorar justamente quem está ligado à comunicação que se pretende estabelecer.

Entre povos iorubás da África Ocidental, sua presença acompanha o culto, as entradas e os caminhos. No Brasil, comunidades de candomblé preservam e recriam essa relação com o orixá. O padê dedicado a Exu expressa reconhecimento e busca sua disposição favorável para o trabalho que vai começar. A oferenda participa de uma relação: quem pede auxílio se apresenta diante de uma potência que tem vontade e exige consideração.

Sua ambiguidade está nesse poder de favorecer a passagem e também produzir o obstáculo. Exu pode desfazer uma ordem aparentemente segura, expor uma contradição e obrigar alguém a lidar com o que preferia esconder. A estrada que parecia encerrada pode se abrir. A que parecia garantida pode deixar de oferecer saída.

Na umbanda, os exus guardiões pertencem a uma categoria distinta do orixá, com atribuições compreendidas segundo cada casa. São procurados para proteção, defesa espiritual, orientação e abertura de caminhos. Esse auxílio continua sendo pedido e reconhecido em terreiros de hoje.

“Laroyê, Exu!” A saudação atravessa o espaço do culto antes de muitas explicações. Há respeito no chamado. Quem o pronuncia se dirige a uma força com a qual busca relação, amparo e resposta.

Diante de Exu, pedir passagem também é aceitar que o caminho não será escolhido sozinho. A pergunta permanece na encruzilhada: quando a porta se abrir, você saberá reconhecer o que veio ao seu encontro?

Conheça nossas redes





Maria Padilha

O chamado que não a deixava sozinha



O chamado que não a deixava sozinha

Conjuros ibéricos e presença nos terreiros

O nome não era chamado sozinho. Em conjuros preservados pela história da feitiçaria ibérica, surgia acompanhado: “Maria Padilha e toda a sua quadrilha”. Quem pronunciava a fórmula procurava alcançar alguém ausente. A voz saía de uma casa, mas o pedido deveria chegar a outra, atravessar sua entrada e tocar uma vontade que permanecia distante.

Em relatos estudados por Marlyse Meyer, mulheres invocavam Padilha para favorecer encontros e interferir nos assuntos do amor. Um desses conjuros acompanha Antônia Maria, portuguesa que passou por Angola e viveu em Pernambuco. O pedido feito no portal procurava movimentar forças até que a pessoa desejada atravessasse a porta. Padilha aparecia como alguém capaz de agir onde as mãos de quem chamava não chegavam.

Muito antes, Maria de Padilla estivera ligada ao rei Pedro I de Castela. Sua influência na corte alimentou narrativas de sedução e encantamento. O nome sobreviveu a intrigas, acusações e séculos de invocação. Nos terreiros brasileiros, encontrou outra dimensão: Maria Padilha, pombagira, senhora de firmeza, desejo e decisão.

Quem a procura pede auxílio para relações, proteção e impasses que não se deixam resolver facilmente. Em pesquisa de campo na umbanda, uma Padilha recusou ser limitada aos problemas amorosos. Falou a partir da experiência de ser mulher. Seu conhecimento alcançava a vida inteira, com aquilo que ela cobra, oferece e esconde.

A entidade se apresenta com uma autoridade que não pede licença ao constrangimento. Pode aconselhar, confrontar e devolver ao consulente a pergunta da qual ele vinha fugindo. O encanto convive com a exigência de sustentar a própria escolha.

A antiga fórmula continua inquietante por uma razão simples. Ela chama Maria Padilha. E, logo depois, reconhece que há outros com ela.

Conheça nossas redes





Hel

Ela permitiu a entrada. A saída tinha um preço.



Ela permitiu a entrada. A saída tinha um preço.

A soberana dos mortos na Edda em Prosa

Hermóðr cavalgou durante nove noites por vales tão escuros que mal conseguia distinguir o caminho. Procurava Baldr, o deus cuja morte havia lançado os outros deuses no luto. Quando chegou ao reino de Hel, encontrou o que buscava. O morto estava ali. A viagem, porém, não lhe dava o direito de levá-lo de volta.

Hel, filha de Loki e Angrboða, recebera autoridade sobre um vasto domínio. Snorri descreve metade de seu corpo como azul-escuro ou negra; a outra metade tem a cor da carne. A própria figura parece conservar uma fronteira que os visitantes já atravessaram. É ela quem decide o que acontecerá ao pedido do mensageiro.

Sua resposta concede esperança suficiente para prolongar a dor. Baldr poderá partir se todas as coisas chorarem por ele. Vivos e mortos. Seres e matéria. Se alguma coisa se recusar, ele continuará sob seu poder.

Mensageiros percorrem o mundo. Homens, animais, árvores e pedras participam do lamento. Então encontram Þökk numa caverna. Ela diz que não derramará lágrimas. Hel deve conservar o que possui. Uma única voz desfaz o esforço de todos.

A soberana não precisa vencer os deuses numa batalha. Também não precisa esconder Baldr. Permite que o mensageiro o veja, ouça sua voz e retorne à superfície com uma possibilidade. Depois, mantém a condição que estabeleceu.

Essa é a extensão de seu domínio: até um deus amado pode permanecer entre seus mortos. Há quem atravesse a escuridão para negociar. Há quem consiga chegar diante dela e voltar. Mas aquele por quem todos vieram continua sentado no mesmo lugar.

Hel já havia dado sua resposta. O mundo foi incapaz de cumpri-la.

Conheça nossas redes





Ereshkigal

Nem a irmã voltou inteira de seu reino



Nem a irmã voltou inteira de seu reino

A descida de Inanna no poema sumério

Ereshkigal manda fechar os portões. Sua irmã está chegando, vestida com os sinais da própria grandeza. Inanna traz coroa, adornos e autoridade. O porteiro recebe uma ordem: deixá-la entrar, mas submetê-la, passagem por passagem, às leis do mundo inferior.

Na primeira porta, alguma coisa lhe é retirada. Na seguinte, outra. Inanna pergunta por quê. A resposta não abre espaço para negociação. Ao atravessar o sétimo limiar, ela já foi despojada de tudo o que anunciava seu poder. Diante de Ereshkigal, não basta ser deusa. Nem ser sua irmã.

No poema sumério, os juízes do mundo inferior pronunciam a sentença. O olhar lançado sobre Inanna é um olhar de morte. Seu corpo termina pendurado num gancho. Ereshkigal conserva a visitante num lugar em que nenhuma coroa da superfície pode protegê-la.

A salvação terá de vir de fora. Enki cria dois pequenos seres e lhes confia uma tarefa incomum. Eles chegam à soberana quando ela se contorce em sofrimento. Em vez de combatê-la, respondem aos seus lamentos. Acompanham a dor que escutam. Ereshkigal lhes oferece uma recompensa.

O pedido é pelo corpo pendurado. Inanna será reanimada, mas a devolução não rompe a lei dos mortos. Para sair, deverá entregar alguém em seu lugar. Os seres que a acompanham na subida procurarão o substituto. A superfície voltará a recebê-la junto da cobrança.

Ereshkigal permanece onde estava. A irmã conseguiu regressar; não conseguiu tornar gratuita a passagem. Seu reino continuou cobrando o que lhe era devido.

Ao entrar, Inanna perdera os sinais de seu poder. Ao sair, descobriria que ainda havia algo a perder. As sete portas tinham ficado para trás. A exigência da rainha vinha com ela.

Conheça nossas redes





Morrígan

Ele a feriu. Depois lhe devolveu a força.



Ele a feriu. Depois lhe devolveu a força.

O encontro na Táin Bó Cúailnge

A velha estava ferida quando ofereceu o leite. Cú Chulainn aceitou e a abençoou. Uma lesão desapareceu. Recebeu outra porção, pronunciou outra bênção. A cura avançou. Só depois percebeu quem tinha diante de si: Morrígan, a inimiga que ele próprio havia atingido.

Na Táin Bó Cúailnge, ela se aproxima do guerreiro antes do confronto e é rejeitada. A promessa de auxílio dá lugar à ameaça. Morrígan anuncia que interferirá na luta sob formas que ele não poderá ignorar. Quando chega a hora, o combate passa a ter um adversário a mais.

Uma enguia se enrosca em suas pernas no vau. Uma loba perturba o gado. Uma novilha conduz o movimento dos animais. Cú Chulainn resiste e fere as formas que surgem contra ele. Vencer aquele ataque, porém, não encerra a relação. Morrígan ainda sabe como chegar perto.

Ela retorna como uma mulher velha, ordenhando uma vaca. O corpo conserva as marcas do confronto. O guerreiro tem sede. A necessidade abre o caminho que a força não conseguira abrir. Ao aceitar o leite, ele retribui a oferta com palavras que beneficiam justamente quem pretendia derrotá-lo.

Morrígan não precisa revelar o rosto para fazer seu poder agir. Circula entre aparência, presságio e batalha, ligada ao destino de quem combate. A ave escura que acompanha sua imagem anuncia apenas uma parte desse domínio. Outra parte está na capacidade de ocupar o lugar que ninguém vigia.

Quando o herói compreende o encontro, suas palavras já produziram efeito. A adversária saiu do corpo que ele acreditava ter vencido. Recuperou-se diante dele, com sua ajuda.

O guerreiro reconheceu o perigo na água e entre os animais. Não o reconheceu na mão que lhe oferecia alívio.

Conheça nossas redes





Freyja

Ela também escolhia entre os mortos



Ela também escolhia entre os mortos

Fólkvangr e o conhecimento do seiðr

Nem todos os guerreiros caídos seguem para Odin. No Grímnismál, Freyja recebe metade dos mortos em combate. Enquanto a batalha termina e os vivos procuram reconhecer os corpos, o poema conserva outro destino: Fólkvangr, o domínio da deusa que tantos lembram apenas pelo amor e pela beleza.

Ali está a primeira passagem para seu lado menos contado. Freyja alcança o desejo, mas também participa da divisão dos mortos. Seu salão, Sessrúmnir, pertence a um mundo que os sobreviventes não acompanham com os olhos. O campo de batalha entrega a ela uma parte do que perdeu.

Seu conhecimento é igualmente amplo. Na Saga dos Ynglingos, Freyja ensina o seiðr aos Æsir. Esse saber permite conhecer destinos e influenciar acontecimentos. A tradição relaciona a prática à capacidade de alterar sorte, força e percepção. Quem consegue enxergar adiante também pode intervir naquilo que ainda não aconteceu.

Odin procura esse poder. Freyja ocupa o lugar de quem o transmite. Por trás da imagem luminosa da deusa há uma conhecedora de artes pelas quais os limites da vida cotidiana deixam de oferecer segurança. A pergunta sobre o futuro já pressupõe que alguém saiba alcançá-lo antes dos outros.

Amor, riqueza, magia e morte se encontram nela. A mesma figura desejada pelos gigantes conserva um saber que os deuses querem aprender. A senhora de Fólkvangr não precisa escolher uma única face para governar suas relações.

O poema não explica como cada morto reconhece seu destino. Deixa a partilha estabelecida e segue adiante. Freyja recebe sua metade. O silêncio ao redor dessa escolha é parte do que permanece com ela.

Depois da última espada cair, ainda há alguém escolhendo. E não é apenas Odin.

Conheça nossas redes





Medeia

A mulher que fazia a terra responder



A mulher que fazia a terra responder

A raiz de Prometeu e os encantamentos de Medeia

Quando Medeia arrancou a raiz, a terra gemeu. Apolônio de Rodes conta que a planta nascera do sangue de Prometeu. Sob o solo, sua carne escura conservava uma ligação com o titã: ao ser cortada, fez a dor alcançá-lo. A feiticeira colhia uma força que continuava presa ao sofrimento de um imortal.

Antes, banhara-se em sete correntes e chamara Brimo sete vezes na escuridão. Guardou o preparado numa concha. Jasão precisaria dele para enfrentar touros que lançavam fogo. A proteção teria prazo: um único dia em que seu corpo resistiria à prova que deveria destruí-lo.

Medeia sabia escolher a matéria, pronunciar a invocação e reconhecer o momento. A conquista do herói dependia de seus segredos. Enquanto outros viam força nas mãos de Jasão, havia algo invisível sobre sua pele que a mulher lhe entregara. Sem aquele auxílio, o encontro com os touros teria outro fim.

O conhecimento, porém, não desapareceria depois da vitória. Na tragédia de Eurípides, abandonada por Jasão em favor de um casamento real, Medeia prepara presentes para a nova noiva. O adorno oferecido como aproximação se torna instrumento de morte. A filha de Creonte o recebe; o rei também é atingido ao tentar socorrê-la.

A vingança alcança ainda os próprios filhos de Medeia. Sua partida no carro ligado ao Sol encerra a cena sem devolver a Jasão aquilo que ele perdeu. A mulher que lhe permitira sobreviver está fora de seu alcance.

Entre a concha e o presente nupcial, Medeia conserva a mesma coisa: um saber que os outros descobrem tarde demais. Jasão conheceu sua capacidade de proteger antes de conhecer a extensão de sua fúria.

A terra já havia gemido quando ela começou.

Conheça nossas redes





Marie Laveau

Mesmo morta, continuavam procurando por ela



Mesmo morta, continuavam procurando por ela

A rainha do Voodoo de Nova Orleans

A morte não encerrou os pedidos dirigidos a Marie Laveau. Visitantes procuraram a sepultura associada à sua memória levando desejos, promessas e oferendas. Marcas eram deixadas na pedra. Alguém esperava uma resposta de uma mulher que já não abria a porta de casa, mas continuava sendo chamada.

Em vida, Laveau se tornara uma autoridade do Voodoo de Nova Orleans. Nascida livre em 1801, conhecia um mundo em que devoções africanas e católicas se encontravam. Sua relação com santos, orações e práticas de sua comunidade integrava a força religiosa que lhe atribuíam. Era procurada por quem precisava de proteção e auxílio em assuntos que não se resolviam apenas com explicações.

Um registro de 1871 a situa diante de outro limiar. Laveau visitava condenados à morte, erguia pequenos altares nas celas e rezava com quem aguardava a execução. A sacerdotisa entrava onde o tempo tinha uma contagem conhecida. Sua voz acompanhava homens que, em breve, não poderiam responder.

Depois de sua morte, em 1881, o nome continuou circulando como se sua presença não coubesse no limite de uma vida. Histórias de sucessão, aparições e poderes se misturaram à lembrança da rainha. A procura por ela encontrou na sepultura um novo lugar de encontro.

O estudo de Carolyn Morrow Long registra costumes de pedidos e oferendas em túmulos de pessoas às quais se atribuía poder espiritual. Na memória de Laveau, essa relação mantém a sacerdotisa entre aqueles a quem se recorre. A pedra recebe o gesto; o pedido é dirigido a quem permanece além dela.

Marie Laveau conheceu o silêncio dos que esperavam morrer. Depois, passou a receber o silêncio de quem esperava uma resposta.

Sua voz se calou. Seu nome nunca saiu inteiramente da cidade.

Conheça nossas redes





A mulher de En-Dor

Ela chamou o morto. Quem caiu foi o rei.

Ela chamou o morto. Quem caiu foi o rei.

A evocação de Samuel em 1 Samuel 28

Saul chega de noite e esconde quem é. O rei que havia expulsado evocadores de mortos agora procura uma mulher capaz de fazer exatamente aquilo que proibiu. Quer falar com Samuel. O profeta está morto, os inimigos se aproximam e as respostas que Saul buscou não vieram.

A mulher de En-Dor conhece o perigo. Atender ao visitante pode custar sua vida. Ele promete que nada lhe acontecerá e diz o nome de quem deseja ouvir. Então ela vê algo subir da terra. Grita. Reconhece Saul sob o disfarce e pergunta por que ele a enganou.

A figura é a de um ancião envolto num manto. Saul entende que é Samuel e se inclina. O morto pergunta por que foi perturbado. A evocação produziu um encontro, mas não trouxe a saída que o rei esperava.

A resposta anuncia que o reino será arrancado de suas mãos. Saul e seus filhos morrerão; a batalha será perdida. O homem que entrou à procura de um conselho recebe a medida de seu fim. Cai ao chão, enfraquecido pelo jejum e pelo terror das palavras.

A mulher se aproxima. É ela quem insiste para que coma e prepara a refeição que permitirá sua partida. O poder que o rei perseguira abriu a passagem. As mãos de quem ele ameaçava agora lhe devolvem alguma força.

Seu nome não é revelado. A narrativa preserva o que fez naquela noite: recebeu um homem disfarçado, evocou o morto que ele pediu e assistiu à queda do visitante. Quando Saul sai, leva consigo uma voz que não poderá tornar a calar.

A porta da casa se fecha. A batalha ainda não começou. Mas, para o rei, o amanhã já foi pronunciado.

Conheça nossas redes





Bloody Mary

O reflexo esperava que você a chamasse



O reflexo esperava que você a chamasse

A lenda do espelho

Bloody Mary chega pelo lugar em que você esperava encontrar apenas a si mesmo. A lenda pede escuridão, um espelho e seu nome repetido. O primeiro rosto continua sendo o de quem chama. É preciso permanecer ali tempo suficiente para temer que ele deixe de ser.

Em algumas versões, a mulher surge dentro do vidro. Em outras, aparece atrás do observador. Há relatos em que deixa marcas, ataca ou tenta alcançar quem a chamou. O nome circula entre colegas, irmãos e amigos, acompanhado da certeza de que alguém conhece uma pessoa que não deveria ter tentado.

O rosto de Mary também muda. Pode estar ferido, oculto pelos cabelos ou parecer uma forma que demora a se separar do escuro. O que não muda é sua maneira de chegar: ela precisa ser chamada diante de uma superfície que devolve tudo e não deveria guardar ninguém.

Os relatos reunidos pelo arquivo de folclore da Universidade do Sul da Califórnia conservam esse desafio. Num deles, uma irmã tranca a outra no banheiro e pronuncia o nome. O medo já não depende da decisão de participar. A porta está fechada, a voz continua do lado de fora e o espelho permanece lá dentro.

A invocação atribuída à lenda é breve. Não exige uma longa oração. Exige que o nome de Bloody Mary seja dito enquanto alguém encara o lugar de sua possível chegada. A contagem varia; a expectativa se concentra no próximo instante.

Quando a luz volta, Mary pode já não estar visível. Mas o banheiro conserva o mesmo vidro. Quem sai sabe onde terá de olhar ao entrar novamente.

E o rosto conhecido que reaparece ali nunca consegue contar o que o espelho guardou enquanto esteve escuro.

Conheça nossas redes





Elizabeth Báthory

A senhora do castelo e as vozes que ficaram



A senhora do castelo e as vozes que ficaram

A Condessa Sangrenta

A porta do castelo separava duas formas de conhecer Elizabeth Báthory. Do lado de fora, uma nobre de família poderosa. Do lado de dentro, segundo as acusações que chegaram à investigação, jovens eram submetidas a uma violência da qual algumas não saíam vivas. O sobrenome que impunha respeito também podia tornar uma denúncia perigosa.

As suspeitas cresceram até alcançar a condessa. Em 1610, ela foi confinada, e servidores ligados à casa acabaram levados a julgamento. Depoimentos falavam de castigos, torturas e mortes. Nem tudo o que se contou vinha de quem presenciara os acontecimentos; o processo deixou versões que continuam difíceis de conciliar. No centro delas permanecia a senhora do castelo.

Báthory morreu em 1614. A história, porém, ainda não havia encontrado a imagem pela qual seria lembrada. Mais de um século depois, os relatos dos banhos de sangue acrescentaram outro desejo à sua figura: conservar a juventude à custa das vítimas. A partir daí, a condessa parecia capaz de transformar a morte alheia em uma defesa contra o próprio envelhecimento.

Na lenda, a ameaça adquire uma intimidade terrível. A vítima entra para servir, vestir ou acompanhar uma senhora. O perigo está na autoridade à qual precisa obedecer. O castelo não necessita de uma criatura nas muralhas. Sua dona já possui chaves, aposentos e pessoas encarregadas de cumprir ordens.

O que pertence à acusação histórica e o que pertence ao banho lendário se encontram em seu título: Condessa Sangrenta. Ele conserva o sangue mesmo onde o arquivo deixa perguntas abertas.

Báthory terminou privada de liberdade. As vozes ligadas ao seu nome continuaram atravessando os corredores. Algumas a acusavam. Outras tentavam explicá-la. As jovens que não voltaram não tiveram a mesma oportunidade de contar sua versão.

Conheça nossas redes





Pan

O deus que não devia ser despertado



O deus que não devia ser despertado

O senhor selvagem dos bosques gregos

Ao meio-dia, o pastor se recusa a tocar a flauta. O campo está claro. Não há uma fera avançando nem uma tempestade no horizonte. Mesmo assim, ele tem medo. Em Teócrito, sua explicação é simples: Pan descansa depois da caça, e ninguém sensato deseja perturbar esse repouso.

O deus dos pés de bode pertence aos lugares em que a presença humana deixa de mandar. Habita grutas, percorre montanhas, aproxima-se dos rebanhos e acompanha as ninfas. Chifres, barba e pernas animais anunciam uma força que não precisa se parecer com o homem para reconhecer sua vulnerabilidade.

No Hino Homérico a Pan, até a ama foge ao ver sua aparência quando ele nasce. Hermes o envolve numa pele e o leva aos deuses, que se alegram com a criança. O mesmo corpo desperta fuga e acolhimento. Para quem o encontra longe dos outros, a primeira reação pode chegar antes de qualquer pensamento.

A música também lhe pertence. O som dos tubos de sua flauta atravessa a paisagem em que ele caça e dança. Mas, no Idílio de Teócrito, é justamente o som humano que deve ser contido. O pastor conhece uma hora em que a beleza do instrumento não vale o risco de atrair a atenção do deus.

A invocação órfica pede a Pan que se aproxime favoravelmente e afaste o furor do pânico. O auxílio é procurado na mesma potência que torna a solidão dos campos inquietante. Chamar por ele exige saber que o medo também está em seu domínio.

Há deuses que anunciam sua chegada pelo escurecimento do céu. Pan pode ser temido sob a luz mais alta do dia.

O pastor conserva a flauta em silêncio. Em algum lugar que ele não vê, o deus está descansando.

Conheça nossas redes





Leviatã

Quem ousaria acordá-lo?



Quem ousaria acordá-lo?

A criatura das profundezas nos textos bíblicos

A pergunta dirigida a Jó não é como matar Leviatã. Primeiro, é preciso imaginar se alguém conseguiria sequer prendê-lo. Um anzol, uma corda, uma lança: os instrumentos humanos aparecem diante da criatura e perdem a autoridade que teriam sobre qualquer outra presa.

No capítulo 41, suas escamas se fecham tão firmemente que nem o ar passa entre elas. A boca lança fogo; das narinas sai fumaça. Quando se ergue, os fortes sentem medo. Ferro e bronze não lhe oferecem a resistência esperada. A água ferve com seu movimento, e atrás dele fica uma trilha luminosa no abismo.

Leviatã não é apresentado como um animal que aceitará um acordo. Não pedirá misericórdia com palavras dóceis, não se tornará servo de quem o capturar, não será levado como brinquedo para dentro de uma casa. A descrição desfaz, uma a uma, as maneiras pelas quais alguém poderia acreditar que o tem sob controle.

Em Isaías 27, reaparece como serpente fugidia e tortuosa, ligada ao monstro do mar. Sua derrota pertence a um confronto divino. O horizonte é maior do que o alcance de um caçador. A força necessária para atingi-lo não está nas mãos de quem observa a superfície.

É essa distância que o torna inquietante. O oceano pode parecer uma extensão vazia enquanto conserva um corpo que as armas humanas não conseguem submeter. Nas passagens bíblicas, Leviatã faz o homem medir o tamanho da própria ousadia antes de estender a mão.

O texto pergunta quem seria feroz o suficiente para despertá-lo. Não oferece um nome humano como resposta.

A água fecha sobre o movimento da criatura. O que desaparece da vista não se torna, por isso, menor.

Conheça nossas redes





Lúcifer

A queda não o fez obedecer



A queda não o fez obedecer

O anjo rebelde e o chamado dos grimórios

A queda não lhe arrancou a vontade de governar. No Paraíso Perdido de Milton, o rebelde desperta no abismo, contempla os que caíram com ele e continua falando como alguém capaz de comandar. Perdeu o céu. Não aceita que a derrota também determine o limite de sua ambição.

A tradição do anjo caído deu a Lúcifer uma imagem difícil de separar da luz que seu nome carrega. Beleza, orgulho e ruína permanecem juntos. O esplendor anterior torna a escuridão mais profunda: quem o contempla imagina o que ele foi antes de vê-lo como inimigo.

Em Milton, Satanás atravessa o caos e procura a nova criação. O confronto deixa de depender apenas de armas. A palavra passa a ocupar o lugar do golpe. Uma promessa pode alcançar onde uma legião não entrou. O rebelde aprende a oferecer como conquista aquilo que conduzirá à perda.

Nos grimórios, o encontro assume outra forma. O Grimorium Verum descreve Lúcifer sob uma aparência bela, sem a monstruosidade que muitos esperariam, e lhe atribui posição entre os espíritos superiores. O livro apresenta caracteres associados a seu nome e uma conjuração dirigida a ele. No chamado, surge o fragmento “venite Lucifer”: o nome temido é pronunciado para que se aproxime.

Há algo perturbador nessa inversão. Enquanto uma tradição procura resistir ao adversário, o operador do grimório tenta obter sua presença. Escreve, chama e espera. A figura cuja queda marcou uma ruptura é convidada a atravessar outro limite.

Lúcifer conserva esse poder de atração: o brilho que pode orientar um olhar também pode impedi-lo de perceber o perigo. Sua aparência não precisa anunciar o preço do encontro.

Quem o chama deseja uma resposta. Mas o silêncio anterior à chegada ainda pertence a quem fez o pedido.

Conheça nossas redes





Azazel

Prenderam o mestre. O segredo ficou.

Prenderam o mestre. O segredo ficou.

O ensinamento proibido no Livro de Enoque

A punição de Azazel exige um lugar onde ele não veja a luz. No Livro de Enoque, Rafael recebe a ordem de prendê-lo de mãos e pés e lançá-lo em Dudael, no deserto. Pedras ásperas cobrem sua prisão. A sentença procura afastá-lo do mundo que seus ensinamentos ajudaram a transformar.

Azazel havia revelado conhecimentos que não deveriam chegar aos homens. Ensinou o trabalho dos metais e a fabricação de armas. Também lhe são atribuídos adornos, pedras preciosas e recursos para modificar a aparência. A mesma transmissão liga o brilho que atrai à lâmina que fere. O segredo desce do mundo celeste e muda aquilo que mãos humanas conseguem fazer.

Quando a violência se espalha, seu nome aparece entre os responsáveis pela corrupção. A resposta é confiná-lo nas trevas até o julgamento. O mestre é retirado de circulação. Seus ensinamentos, porém, já encontraram quem os repita. Uma espada pode ser novamente forjada sem que seu primeiro instrutor esteja presente.

Outro cenário cerca o nome em Levítico 16. Um bode recebe as iniquidades da comunidade e é conduzido ao deserto, destinado a Azazel. O animal se afasta carregando aquilo que os homens desejam remover de seu meio. O texto deixa a travessia diante do leitor: do espaço habitado para uma região que ninguém quer trazer para dentro.

Azazel permanece ligado a esse exterior. É para lá que seguem culpas. É lá que a narrativa de Enoque situa sua prisão. O deserto guarda o nome enquanto a comunidade procura continuar vivendo.

As pedras impedem que ele veja o sol. Não recolhem os conhecimentos que ensinou.

O que deveria ter sido encerrado com o prisioneiro ainda pode passar de uma mão para outra.

Conheça nossas redes





Santo Graal

O segredo que passou diante dele



O segredo que passou diante dele

A relíquia e a pergunta de Perceval

Perceval vê o Graal passar e permanece em silêncio. Está num castelo estranho, diante de um rei ferido. Uma procissão atravessa o salão. Há uma lança que sangra e um objeto de extraordinário brilho, carregado por uma jovem. O cavaleiro observa. Não faz a pergunta que deveria fazer.

No romance de Chrétien de Troyes, o mistério não começa com uma busca por cavernas ou cofres. O Graal está diante daquele que chegou ao castelo. Perceval poderia falar. Sua educação, porém, o ensinara a conter as perguntas, e ele obedece justamente no momento em que a palavra seria decisiva.

Na manhã seguinte, a oportunidade se desfaz. O castelo está silencioso, ninguém responde como antes, e o visitante precisa partir. Só depois saberá que sua omissão teve consequências para o Rei Pescador. Aquilo que poderia ter sido perguntado durante uma refeição se transforma em uma procura que reorganiza sua vida.

As narrativas posteriores ligam o Santo Graal a Cristo e fazem dele o centro de uma demanda espiritual. Cavaleiros atravessam perigos, mas coragem e habilidade com armas não garantem acesso ao que procuram. A aproximação exige algo que não pode ser arrancado por conquista.

Em Malory, Galaad chega ao cumprimento dessa busca. Depois de sua morte, uma mão vinda do céu leva o vaso e a lança. O objeto sai do alcance daqueles que permaneceram. O Graal pode ser procurado, contemplado e, ainda assim, retirado do mundo de quem o deseja.

Sua força está também nessa forma de escapar. Primeiro passa diante de um homem que não pergunta. Depois mobiliza homens que já não sabem onde encontrá-lo.

Perceval acreditou que teria outra ocasião. O salão ficou vazio antes que ele descobrisse qual era a pergunta.

Conheça nossas redes



Fontes e leituras

Textos antigos, pesquisa histórica e registros de tradição.

Lilith

Centro de Arte Judaica, Universidade Hebraica de Jerusalém. Matriz de amuleto de 1832, objeto 2393; descrição e contexto do Alfabeto de Ben Sira.

Biblioteca Nacional de Israel. Amulet to Protect the Child, Ukraine, 1800s. Acervo de fontes primárias.

Hécate

Apolônio de Rodes. Argonáuticas, livro III, versos 1191-1224. Tradução de R. C. Seaton, 1912.

Hinos Órficos. Invocação a Hécate no proêmio. Tradução de Thomas Taylor, 1792.

São Cipriano

Jacopo de Varazze. Legenda Áurea, vida de santa Justina. Tradução histórica de William Caxton, 1483.

Patriarcado Ortodoxo de Antioquia. The Holy Hieromartyr Cyprian and the Virgin Martyr Justina. Tradição religiosa.

Tradição portuguesa do Livro de São Cipriano. Grande Oração contra malefícios; edição histórica referenciada pelo pesquisador e praticante do Grimório.pt.

Exu

Prandi, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Revista USP, n. 50, 2001, p. 46-63.

Silva, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. Revista de Antropologia, v. 55, n. 2, 2012.

Tenda de Umbanda Luz e Caridade. Exu Laroyê. Testemunho de tradição religiosa.

Maria Padilha

Vianna, Alexander Martins. Os sagrados femininos da Pombagira nas encruzilhadas morfológicas de Maria Padilha. Afro-Ásia, n. 66, 2022, p. 391-450.

Barros, Mariana Leal de; Bairrão, José Francisco Miguel Henriques. Performances de gênero na umbanda. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 62, 2015.

Marlyse Meyer. Maria Padilha e toda a sua quadrilha, 1993; conjuros discutidos por Florence Dravet e Gustavo de Castro, O imaginário do mal no cinema brasileiro.

Hel

Snorri Sturluson. Edda em Prosa, Gylfaginning, capítulos 34 e 49. Tradução de Arthur Gilchrist Brodeur, 1916.

The Troth. Hel. Discussão das fontes e de sua recepção religiosa contemporânea.

Ereshkigal

Universidade de Oxford. The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature, composição 1.4.1: Inana's descent to the nether world.

Database of Religious History. Inana's descent to the nether world. Apresentação da composição e de sua estrutura.



Fontes e leituras

Textos antigos, pesquisa histórica e registros de tradição.

Morrígan

Dunn, Joseph, trad. The Ancient Irish Epic Tale Táin Bó Cúalnge, 1914. Episódios XIVb, XV e XVIa, incluindo The Healing of the Morrigan.

University College Cork, projeto CELT. Táin Bó Cúalnge from the Book of Leinster. Edição e tradução de Cecile O’Rahilly, 1967.

Freyja

Edda Poética. Grímnismál, estrofe 14. Tradução de Henry Adams Bellows.

Snorri Sturluson. Saga dos Ynglingos, capítulos 4 e 7. Tradução histórica de Samuel Laing.

Historiska museet. Freyja: goddess of fertility and war. Acervo e apresentação das tradições.

Medeia

Apolônio de Rodes. Argonáuticas, livro III, especialmente a passagem do preparado de Prometeu. Tradução de R. C. Seaton, 1912.

Eurípides. Medeia, 431 a.C. Tradução de consulta de E. P. Coleridge, Internet Classics Archive, MIT.

Marie Laveau

Long, Carolyn Morrow. Marie Laveau. 64 Parishes, Louisiana Endowment for the Humanities.

Long, Carolyn Morrow. Voodoo. 64 Parishes.

Long, Carolyn Morrow. Voodoo-Influenced Rituals in New Orleans Cemeteries and The Tomb of Marie Laveau. Louisiana Folklore Miscellany 14, 1999.

A mulher de En-Dor

Bíblia. 1 Samuel 28:3-25. Almeida Revista e Corrigida.

Bloody Mary

USC Digital Folklore Archives. Bloody Mary: depoimento publicado em 14 de maio de 2026.

USC Digital Folklore Archives. Bloody Mary: registros de variantes e contexto de transmissão.

USC Digital Folklore Archives. Bloody Mary – American Urban Legend, 2023.

Elizabeth Báthory

Bledsaw, Rachael Leigh. No Blood in the Water: the Legal and Gender Conspiracies against Countess Elizabeth Bathory in Historical Context. Illinois State University, 2014.

National Geographic. The bloody legend of Hungary’s serial killer countess, 2022.

Associated Press. 400 years later, accounts of Hungarian “Blood Countess” remain shrouded in mystery and controversy, 2024.



Fontes e leituras

Textos antigos, pesquisa histórica e registros de tradição.

Pan

Teócrito. Idílio I, versos 15–18. Tradução de J. M. Edmonds.
Hino Homérico XIX, a Pan. Tradução de H. G. Evelyn-White.
Hinos Órficos. Hino a Pan, X na tradução de Thomas Taylor, 1792.

Leviatã

Bíblia. Jó 41; Isaías 27:1.

Lúcifer

John Milton. Paraíso Perdido, livros I–IV e IX.
Grimorium Verum. Descrição dos espíritos superiores e Conjuración à Lucifer. Edição de Joseph H. Peterson, Esoteric Archives.

Azazel

1 Enoque, capítulos 8 e 10. Edição de R. H. Charles.
Bíblia. Levítico 16, especialmente versos 8–10 e 20–22.

Santo Graal

Chrétien de Troyes. Perceval ou Le Conte du Graal. Apresentação e manuscritos na Biblioteca Nacional da França.
Thomas Malory. Le Morte d’Arthur, volume II, livro XVII, capítulo XXII.





A noite continua.

Continue explorando os mistérios de A Vigília das Sombras. Escolha uma das nossas redes abaixo, acompanhe os vídeos e siga o canal para não perder novas histórias.

Deixe seu like e compartilhe com quem também se sente atraído pelos mistérios do oculto. Inscreva-se e ative as notificações para acompanhar as próximas histórias.

Ao se cadastrar para baixar este PDF e escolher receber nossas novidades, você acompanha os próximos passos de A Vigília das Sombras: novas histórias, livros e conteúdos para continuar explorando os mistérios que começaram nestas páginas.

A Vigília das Sombras. Observe em silêncio.

YouTube • @AVigíliaDasSombras

Dailymotion • @avigiliadassombras

TikTok • @avigiliadasombras

Instagram • @avigiliadassombras

Facebook • A Vigília das Sombras

E-mail • avigiliadassombras@gmail.com

